# POR UMA PERSPECTIVA POLÍTICA DA TEORIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DOS SENTIMENTOS: UMA CRÍTICA AO AMOR ROMÂNTICO

Juliany Oliveira Zanuto (PIBIC/CNPq), Carolina Laurenti (Orientadora), e-mail: julianyzanuto10@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Área: Psicologia - Subárea: Fundamentos e medidas da psicologia**

**Palavras-chave:** feminismo, amor romântico, Análise do Comportamento.

**Resumo:**

A Análise do Comportamento remove o protagonismo dos sentimentos na explicação do comportamento para dar lugar ao contexto. Tanto as ações dos indivíduos quanto os sentimentos que as acompanham são explicados pelo contexto social. A despeito de reconhecer essa gênese social, Skinner parece não ter discutido de modo sistemático o papel das relações de poder na constituição dos sentimentos, algo que foi feito pela teoria feminista, como se verifica na sua crítica ao amor romântico. O feminismo compreende o amor romântico não apenas como sentimento, mas como instrumento contributivo à perpetuação do patriarcado, uma vez que fortalece os ideais de dominação masculina e submissão feminina (ensinando, por exemplo, que os homens devem ser fortes, e protetores e, as mulheres, frágeis e dependentes). Tomando a discussão feminista do amor romântico como base, o objetivo deste trabalho foi inserir uma perspectiva política na teoria analítico-comportamental dos sentimentos. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes consistiram em artigos científicos feministas. O material foi documentado e sistematizado em um quadro que apresentava: as referências dos artigos, trechos que continham críticas feministas ao amor romântico e alguns comentários acerca desses trechos. As críticas feministas ao amor romântico arroladas nesse quadro foram categorizadas, a fim de selecionar as considerações políticas sobre esta forma de “amor”. Essa categorização identificou as problemáticas de gênero nas relações amorosas românticas e serviu como modelo para a inserção de uma visão política na discussão skinneriana dos sentimentos, evidenciando a existência de contingências que reproduzem padrões opressores para os indivíduos.

## Introdução

De acordo com Skinner (1991), quando os indivíduos têm um sentimento, o que é sentido são condições corporais, entendidas como produto das consequências produzidas pelas ações dos indivíduos. Por exemplo, quando uma pessoa abraça outra, esta ação pode gerar um “eu te amo” da outra pessoa como consequência e também podem surgir algumas condições corporais (como a sensação de

"borboletas no estômago") que aprendemos a nomear de amor. Esse aprendizado ocorre pelo intermédio da comunidade verbal, que ensina aos indivíduos o que eles estão sentindo; assim, quando o sujeito sente aquelas condições corporais e as relata, ele simplesmente utiliza a palavra "amor". Dessa forma, dizer "amor" torna-se contingente àquela condição corporal específica e aquele contexto determinado (estar junto a alguém que se ama, por exemplo). Devido à aprendizagem dos sentimentos ocorrer pela mediação dos ouvintes, os sentimentos são descritos por Skinner (1991) como de origem social. Contudo, ainda que essa teoria apresente uma análise contextual dos sentimentos, ela não explora de maneira sistemática variáveis políticas nessa discussão, que consideraria o papel das relações de poder na constituição dos próprios sentimentos. O feminismo apresenta um bom exemplo disso por meio de sua reflexão crítica do amor romântico. Esta forma de amor conjugal apresenta algumas características que devem ser destacadas: há uma visão do(a) amado(a) como uma pessoa única e especial; acredita-se em "amor à primeira vista"; a união amorosa permitiria aos cônjuges tornarem-se completos; o romance é preenchido de um caráter fantasioso e idealizado; e os parceiros deveriam fazer o possível e o impossível um pelo outro (GIDDENS, 1993). Em qualquer relacionamento amoroso, cada indivíduo espera que o outro se comporte de determinada maneira. Porém, no caso do amor romântico, os desejos, interesses ou necessidades dos homens se tornam mais importantes que os das mulheres, o que gera uma relação desequilibrada; isso ocorre porque o amor romântico atende à lógica de dominação masculina. Esse ponto pode ser ilustrado, por exemplo, pelas exigências românticas com relação à mulher para que ela, em nome do amor, aceite, compreenda e se submeta às vontades do parceiro, enquanto este deve apenas se preocupar com o sustento financeiro da família (NEVES, 2007). Assim, ao abranger temáticas como relações de poder, dominação/submissão, desigualdades de gênero etc., a discussão feminista se caracteriza por um viés político. Como já foi indicado, esse tipo de discussão não parece ser feito, pelo menos explicitamente, na teoria skinneriana dos sentimentos, a despeito de destacar sua gênese contextual (social/cultural). Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em inserir uma perspectiva política na discussão analítico-comportamental dos sentimentos considerando as críticas feministas ao amor romântico.

## Materiais e métodos

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza bibliográfica, cujas fontes consistiram em artigos científicos que tratavam sobre o amor romântico no âmbito da literatura feminista. O material foi buscado nas bases de dados *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo) e *Sociological Abstracts*, por meio da combinação de palavras-chave que remetiam ao amor romântico e ao feminismo. Foram selecionadas apenas artigos científicos em português e que apresentassem uma discussão feminista do amor romântico. As publicações selecionadas foram baixadas e arquivadas em pastas virtuais e cada texto foi submetido a um processo de seleção prévia por meio da leitura dos resumos e uso do Crtl+F. As informações encontradas sobre a crítica feminista ao amor romântico foram categorizadas em um quadro, que continha informações sobre a referência dos artigos, trechos contendo críticas ao amor romântico e alguns comentários acerca desses trechos (natureza

das explicações, semelhanças com a teoria analítico-comportamental etc.); este quadro foi posteriormente analisado, a fim de identificar as considerações políticas sobre esta forma de amor.

## Resultados e Discussão

Ao fim da seleção dos artigos, restaram treze artigos para categorização e análise. O feminismo apresentou o amor romântico como uma prática cultural que compõe a cultura patriarcal: ele deriva do patriarcado e está a serviço de sua manutenção. O patriarcado se trata de uma organização social em que os homens detêm poder e vários privilégios, enquanto as mulheres devem ser submissas (NEVES, 2007). Nessa cultura, as pessoas são ensinadas sobre o que é o amor romântico em função dos seus sentimentos e não do contexto como um todo, considerando a inter-relação entre antecedentes, ação, consequência e condições corporais; assim, os homens e especialmente as mulheres passam a acreditar apenas nos sentimentos, que são sentidos como bons (amor, felicidade, ternura, saudade etc.), o que os torna alheios às condições de desigualdade de gênero. Essa "educação para o amor romântico" é feita geralmente pelas instituições (isto é, agências de controle como a família, a mídia e a religião), que ensinam à mulher que ela só será feliz após casar-se e ter filhos; e ao homem que ele deve se responsabilizar por trabalhar e sustentar sua família (NEVES, 2007). Porém, além de ensinar o amor romântico, as agências de controle também se responsabilizam por mantê-lo, estabelecendo regras para o comportamento humano (MOREIRA, 2013): quando o sujeito as cumpre, seu comportamento é reforçado; caso contrário, ele é punido. Segundo Moreira (2013), o objetivo das agências de controle é produzir e reproduzir comportamentos que consideram convenientes para com seus próprios interesses e que devem ser adicionados ao repertório comportamental dos indivíduos na sociedade. Isto é: a população deve se comportar da maneira que for determinada pelas agências de controle. A perpetuação dos interesses dos mais poderosos é justamente o que mantém as hierarquias de poder (MOREIRA, 2013). Isso evidencia que o amor romântico apresenta não só uma gênese social (já que é ensinado pelas agências de controle), mas também cultural, visto que se originou em uma cultura patriarcal. É, portanto, no contexto das agências de controle que se torna possível identificar a transmissão, a legitimação e a perpetuação dos interesses da cultura patriarcal. Porém, para que esses padrões de comportamento assumam proporções culturais, é preciso que cada indivíduo aja de acordo com o que é esperado dele. Dessa forma, é preciso voltar a atenção para as relações particulares dos homens e das mulheres com o mundo. Por mais que seja de origem cultural, o amor romântico pode se realizar na vida das pessoas de diferentes maneiras: enquanto em um casamento há um parceiro ciumento e possessivo, em outro pode haver um parceiro ausente e negligente. O mesmo vale para as mulheres: em um namoro pode haver uma mulher submissa e doméstica e, em outro, a mulher pode ser frágil e dependente. Isso representa diferentes *topografias* de comportamento romântico; todavia, independente de quais sejam, elas são opressivas para alguns homens (que sofrem para se acomodar aos padrões de masculinidade) e especialmente para as mulheres. Contudo, essa opressão dificilmente é identificada, visto que se trata de um controle opressor por reforçamento positivo, com consequências aversivas

que costumam aparecer a longo prazo, o que dificulta a identificação da condição opressiva e mantém os amantes em uma situação de desigualdade. Essa análise política feminista do amor romântico possibilitou compreender e classificar os cônjuges românticos, em termos analítico-comportamentais, como possíveis "escravos felizes", expressão que se refere às vítimas do controle opressor por reforçamento positivo (SKINNER, 1983).

## Conclusões

A crítica feminista ao amor romântico contribuiu para a Análise do Comportamento expandir suas análises do sentimento, visto que: (a) problematiza em qual cultura o sentimento se constitui (no caso do amor romântico, uma cultura patriarcal); (b) indica o papel das instituições (isto é, agências de controle) na gênese dos sentimentos; (c) destaca as diferentes topografias de comportamento às quais os sentimentos estão associados e (d) como essa variabilidade topográfica pode obscurecer contingências opressivas, principalmente quando o controle por reforçamento positivo está em pauta.

## Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e ao meu cônjuge por todo o apoio, à minha orientadora pela paciência de me guiar neste projeto e ao CNPq pelo apoio financeiro fornecido.

## Referências

GIDDENS, A. O amor romântico e outras ligações. In: _____. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993. p. 59-76.

MOREIRA, M. B. Agências de controle. In: DITTRICH, A.; TODOROV, J. C.; MARTONE, R. C.; MACHADO, V. L. S. **Comportamento e práticas culturais**. Brasília: Instituto Walden4, 2013. p. 137-167.

NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627, 2007.

SKINNER, B. F. A liberdade. In: _____. **O mito da liberdade**. São Paulo: Summus, 1983. p. 27-39.

SKINNER, B. F. O lugar do sentimento na análise do comportamento. In: _____. **Questões recentes na análise comportamental**. Campinas, SP: Papirus. 1991. p. 13-24.